



**III CONGRESSO IBERO-AMERICANO  
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA  
BELÉM – PARÁ – BRASIL  
04 a 07 de novembro de 2015  
ISSN 978-85-89097-68-0**

**CECINE:  
um percurso de pesquisa entre esquecimento, memória e história**

**Miguel Jocélio Alves da Silva<sup>538</sup>**

**RESUMO**

O presente trabalho, que trata sobre o meu percurso de pesquisa documental realizado na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, tem por objetivo apresentar os desafios enfrentados na busca das fontes sobre o Centro de Ensino de Ciências do Nordeste – CECINE, considerando que foi a partir deste Centro de Ciências que o Movimento Matemática Moderna chegou ao Ceará, e esta é a temática mais geral da minha pesquisa de doutorado realizada na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Ao mesmo tempo em que apresento estes desafios na busca das fontes, dialogo principalmente com Paul Ricoeur, trazendo algumas reflexões históricas em que passado e presente se imbricam e dão luz aos movimentos de esquecimento, memória e história presentes nesta parte da trajetória da minha pesquisa.

**Palavras-chave:** CECINE. Ciências. Esquecimento. Memória. História.

**INTRODUÇÃO**

Este texto, que trata sobre o meu percurso de pesquisa documental realizado na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, tem por objetivo apresentar os desafios enfrentados na busca das fontes sobre o Centro de Ensino de Ciências do Nordeste – CECINE<sup>539</sup>.

<sup>538</sup> Doutorando na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar e Professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. E-mail: migel.silva@gmail.com

<sup>539</sup> De acordo com o Professor Ascendino Silva, ex-coordenador da CECINE e um dos autores do livro, CECINE - TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO DE CIÊNCIAS NO NORDESTE, até 2004 o CECINE tinha o nome original de Centro de Ensino de Ciências do Nordeste. A partir deste

Este percurso é parte integrante da minha pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, na linha de Ensino de Ciências e Matemática, sob a orientação da Professora Maria do Carmo de Sousa. Nesta pesquisa busco construir uma narrativa histórica sobre a gênese e o desenvolvimento do Movimento Matemática Moderna no Estado do Ceará, ocorrido entre as décadas de 1960 e 1980.

Ao iniciar a coleta de dados da pesquisa localizei os primeiros documentos sobre a temática em Osasco – São Paulo, no Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil - GHEMAT, no primeiro semestre de 2014. Ao acessá-los encontrei referência a um professor de matemática, residente em Fortaleza – Ceará. O contato com este professor, posteriormente, apontou que o Movimento Matemática Moderna chegou ao Ceará, na segunda metade da década de 1960, através do Centro CECINE.

A partir destas referências o que apresentaremos aqui será, especificamente, o percurso na busca de fontes escritas sobre o CECINE, realizada na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, campus de Recife, no período de março a junho de 2015 e algumas reflexões daí advindas.

Por opção metodológica e inspirado nos estudos de Ricoeur (2007), este texto buscará articular três elementos – esquecimento, memória e história -, no que diz respeito ao percurso da busca de fontes escritas sobre o CECINE na UFPE, pois entendo que esta forma de apresentar o texto, com referência nestes três elementos, representa melhor o percurso que fiz e os desafios dele decorrentes, onde busquei uma articulação entre a procura de fontes escritas, os indícios que pudessem contribuir com o entendimento sobre o CECINE e as reflexões teóricas, a partir de autores como Ricoeur (2003 e 2007); Araújo & Santos (2007); Pollack (1989), que tratam sobre a memória e o esquecimento.

Aqui, esquecimento, memória e história, além de se apresentarem de acordo com as suas definições lexicais, também se constituem em três elementos imbricados, não lineares e complexos, e ao trazê-los a esta narrativa, dialogo principalmente com Ricoeur (2003, 2007), ao mesmo tempo em que, com ele, pretendo encadear presente e passado, na tentativa de, ao articular esquecimento e memória, trazer uma representação inicial da história do CECINE. Entendo que esta tarefa é complexa, dado que nem todos, pessoas e/ou instituições, guardam suas memórias, ou suas histórias, ou pelo menos sabem que as

---

período passou a ser denominado de Coordenadoria de Ensino de Ciências, conservando a mesma sigla.

guardam, até o momento em que são estimuladas a buscar no íntimo das suas vivências, lembranças de um tempo que nem sempre pode ser acessado diretamente, apenas por perguntas diretas e objetivas, mas por vezes, só serão acessadas por tentativas persistentes e evocativas, após o estabelecimento de “um vínculo de amizade e confiança”, como nos recorda Bosi (1994, p. 37).

A busca de fontes sobre o CECINE realizada em Recife – Pe, não se restringiu à UFPE, mas neste texto ficarei restrito a esta instituição, uma vez que foi nesta Universidade que este Centro de Ciências construiu a sua estrutura física e desenvolveu grande parte das suas atividades, uma vez que foram também constituídos núcleos deste Centro em outros estados do Nordeste, com atividades similares.

Dos três elementos que discutirei neste texto, iniciarei pelo esquecimento, pois foi este que primeiro revelou-se no âmbito deste percurso da pesquisa, quando das minhas primeiras incursões na busca das fontes sobre o CECINE na UFPE.

Em seguida abordarei a memória e finalmente a história, que será tratada no entrecruzamento do esquecimento e da memória deste Centro de Ciências, e que foi produzida no âmbito do percurso realizado.

## **ESQUECIMENTO**

Quando me dispus a buscar as memórias e histórias do CECINE, já tinha ideia dos desafios que poderia encontrar pela frente, pois Silva (2013), relatando a sua trajetória de pesquisa jornalística para o livro sobre este Centro, publicado em 2013, revela que:

Levantar a história do CECINE era uma tarefa que, de início, parecia impossível. Embora dedicado à ciência, o órgão – que hoje ocupa metade de seu espaço original no campus da UFPE – não guardou os documentos de sua história, nem o farto material didático produzido em seu primeiro terço de funcionamento. Além disso, parecia difícil encontrar os professores que haviam lecionado e/ou estudado lá há 30 ou 40 anos. A Biblioteca Central da UFPE lista quase 17 títulos do CECINE em seu acervo, mas apenas quatro estão disponíveis para consulta.

(SILVA, 2013, p. 55).

O relato desta jornalista me traz uma perspectiva de esquecimento. Um esquecimento institucional, que por razões ainda não identificadas, esteve presente quando busquei por diversas vezes, os documentos sobre o CECINE. Isto cria, a meu ver, lacunas de memória,

certo hiato para a história deste Centro de Ensino de Ciências. Isto não significa que documentos em si mesmos representem a história deste Centro, ou de qualquer outra instituição, mas são fontes por meio das quais se pode construir uma narrativa histórica, a partir de uma análise e inferência crítica das mesmas.

Aqui vale a pena trazer as contribuições de Ricoeur (2007), quando este filósofo trata do esquecimento como um elemento inquietante, tanto para a memória, quanto para a história:

De fato, o esquecimento continua a ser a inquietante ameaça que se delinea no plano de fundo da fenomenologia da memória e da epistemologia da história. Sob esse aspecto, ele é o termo emblemático da condição histórica [...] (RICCOEUR, 2007, p. 423).

Neste trecho o autor me ajuda a pensar não só na complexidade do esquecimento, mas também no sentido e no significado deste, tanto para a memória quanto para a história, me auxiliando a refletir sobre o percurso que fiz ao buscar os documentos que estavam guardados na UFPE, além de contribuir com a própria escrita da narrativa a que me propus elaborar.

Postas estas circunstâncias e referências sobre o esquecimento e o silêncio que ameaçavam a memória e a história do CECINE, não foi o desânimo que me tomou, mas a determinação de cumprir minha tarefa, pois, embora não tenha a formação em história, estava guiado por aqueles que já fizeram percurso de pesquisa histórica e me recordam, como Bacellar (2008), que:

Cabe ao historiador desvendar onde se encontram os papéis que podem lhe servir, muitas vezes ultrapassando obstáculos burocráticos e a falta de informação organizada, mesmo em se tratando de arquivos públicos (BACELLAR, 2008, p. 46).

Conduzido pelas recomendações e reflexões já estabelecidas, fui à busca dos lugares e das pessoas que de alguma forma pudessem me indicar caminhos para que eu conseguisse realizar a pesquisa de campo e, conseqüentemente, a coleta de dados, fragmentos e memórias, que me ajudassem a pensar o mosaico multifacético da minha pesquisa documental sobre o CECINE.

Neste sentido, procurei como primeiro contato, um dos autores do livro sobre o CECINE, o Professor Ascendino Silva, ex-coordenador da CECINE, Professor do Centro de Tecnologia e Geociências da UFPE – CTG. Busquei com este professor dialogar sobre

os rastros e indícios já palmilhados, e que pudessem me ajudar neste início de percurso, além de buscar outros rastros e indícios ainda não visitados, e com estes, enriquecer o meu percurso na busca das fontes, para o cumprimento da tarefa de escrita da narrativa.

O segundo contato que fiz foi na sede da CECINE, que fica na entrada do Curso de Química Industrial da UFPE, na Av. Professor Artur de Sá, Cidade Universitária – Recife – Pe. Lá Fiz um registro fotográfico dos livros que encontrei, e aqui compartilho duas das fotografias que captaram as condições em que se encontravam estes livros, para uma indicação dos desafios que estão postos àqueles que se propõem a encontrar rastros de memória, perdidas no emaranhado do esquecimento e do “não dito”.

Aqui, entendo que estas imagens são ilustrativas do quanto ainda temos que avançar na compreensão sobre a preservação da memória institucional e coletiva nas nossas instituições.

**Imagem 01**



Créditos: Miguel Silva

**Imagem 02**



Créditos: Miguel Silva

Os contatos que fiz na CECINE e as fotos que registrei me fazem lembrar Ricoeur (2007, p. 424), quando este ao se referir aos “malefícios evidentes e os benefícios presumidos do esquecimento”, faz uma analogia, ou seja, invoca uma imagem onde adentramos num desfiladeiro. Nas trilhas deste percurso fui tomado algumas vezes por este sentimento, mas o meu desafio era a sua travessia. Segui.

Enquanto alguns obstáculos para acessar o acervo daquela coordenadoria eram transpostos, como a organização dos livros em espaços adequados para a consulta e o acesso a outros documentos, buscava, orientado pelas informações do livro sobre o CECINE, outros espaços institucionais na UFPE, que pudessem de alguma forma ter guardado material com registros sobre este Centro. Para isto fui ao Departamento de Engenharia Química, antigo Instituto de Química, que segundo dados do referido livro, foi onde este Centro teria nascido.

Visitei a Editora da UFPE para verificar se, além do que já havia encontrado, lá teria algum arquivo com outros exemplares das suas publicações, porque tinha informação de que o CECINE havia publicado livros, uma revista e boletins por esta editora.

Além das publicações, consultei o setor de convênios da UFPE, com o intuito de encontrar alguma cópia dos convênios do CECINE da década de 1960, 1970 e 1980, que tinham como objetivo apoiar as ações deste Centro, na divulgação da Ciência e na formação de Professores desta área.

Estas buscas das fontes como os livros, os convênios, atas e programas em alguns lugares da UFPE traziam consigo alguns silêncios, “não ditos”, obstáculos e desafios, que iam sendo superados minimamente. Ao refletir sobre estas questões com os autores com quem dialoguei até aqui, formulo uma ideia de que o meu papel como pesquisador, foi o de buscar os rastros da memória, para dar conta da escrita de uma narrativa sobre este percurso e os seus desafios.

É sobre estes rastros de memória que foram encontrados, e que de alguma forma trazem elementos para a história do CECINE, que discorrerei a seguir.

## **MEMÓRIA**

No Arquivo Geral da UFPE, setor já identificado por Silva (2013), como um lugar onde havia alguma memória do CECINE, além das caixas de livros já identificadas na sede da Coordenação de Ensino de Ciências, encontrei relatórios anuais das atividades deste Centro de Ciências dos anos de 1967, 1971, 1972, 1973 e 1974.

Estes relatórios traziam consigo informações sobre programas e projetos desenvolvidos pelo CECINE, como cursos, atividades didáticas e de iniciação à ciência, desenvolvidos não só em Recife, mas nos outros estados do Nordeste, como indicam estas imagens que seguem.



como fragmentos da sua biblioteca, livros-caixa, livros de ponto dos servidores, livros de registro de ocorrência dos vigilantes e o livro de atas do Conselho Científico do CECINE.

Além destes materiais específicos e com o intuito de ampliar as fontes da pesquisa, fui em busca das atas do Conselho Universitário, que sob a guarda do Conselho dos Órgãos Superiores da UFPE, estavam em ordem cronológica. Ao analisá-las constatei que começaram a ser elaboradas em 1956, na então Universidade do Recife – UR, que deu origem à UFPE.

Ao fazer o registro fotográfico destas atas, identificando o seu teor através da ordem do dia que estas traziam no seu cabeçalho, buscava basicamente informações sobre o CECINE, que pudessem ter sido tratadas no Conselho Universitário da UFPE.

A busca naquelas atas, portanto, pelo seu significado e importância, me impelia a buscar além da memória voluntária, revelada, também a memória involuntária, aquela que é dita sem a percepção de quem a diz, mas que pode revelar muito sobre os acontecimentos e situações.

Todas estas buscas de rastros e vestígios da memória do CECINE, os silêncios e esquecimentos que surgiram neste percurso, os registros dos fragmentos encontrados, me levam a construir um diálogo e refletir à luz dos estudos de Araújo & Santos (2007), considerando-se que:

A memória não obedece apenas à razão porque ela também está relacionada, por um lado, a tradições herdadas, que fazem parte de nossas identidades e que não respondem ao nosso controle, e, por outro lado, a sentimentos profundos, como amor, ódio, humilhação, dor e ressentimento, que surgem independentemente de nossas vontades. (ARAÚJO & SANTOS, 2007, p. 96)

Pollack (1989) igualmente nos ajuda a pensar nesta questão dos silêncios e esquecimentos, quando argumenta que:

[...] existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. (POLACK, 1989, p. 08)

Estas reflexões me ajudam a compreender que estes silêncios e “não ditos” podem ser fluidos, podem estar ora muito rígidos, ora abertos a possibilidades. Que não há um único caminho para encontrar estas possibilidades, mas é preciso persistência, várias tentativas, conversas, entendimentos.

Refletindo com Ricoeur (2003) sobre esta questão, ele chama atenção para o dever de memória, como uma prerrogativa do não esquecimento para aquilo que consideramos relevante, e que não deve ser deixado para trás, porque para além do dever, precisamos considerar que a memória é também um direito.

Estes diálogos e reflexões sobre esquecimento e memória que trago estão imbricados na compreensão de que o passado não pode ser visto como algo que está dado nos documentos sejam eles escritos, orais, imagéticos ou de outra natureza, mas estes são vestígios, rastros importantes, que podem nos ajudar a considerar o passado e construirmos uma narrativa histórica, a partir da coleta, seleção e análise crítica destes documentos.

Esta imbricação e inter-relação do esquecimento com a memória presente neste percurso vai me possibilitar agora escrever a representação de uma história do CECINE no próximo tópico.

## **HISTÓRIA**

Neste momento da narrativa trago agora, como um dos elementos presentes neste percurso de pesquisa, o terceiro elemento presente nesta trajetória, que é a história do CECINE. Para isto vou utilizar inicialmente as referências do livro sobre o CECINE publicado em 2013, especialmente a transcrição de uma entrevista do Professor Marcionílio de Barros Lins, um dos fundadores do CECINE e seu primeiro coordenador. Esta entrevista publicada em 17 janeiro de 1965 no Jornal do Comércio de Pernambuco - JC, apresenta segundo Lins (1965, p. 14), “os fatos paralelos à ideia de organizar” o CECINE.

Lins (1965, p. 14), então diretor do Instituto de Química da Universidade do Recife – UR, relata na mesma entrevista que, naquele período a graduação era de certa forma ruim e a formação profissional era defasada. Não existia estímulo ao jovem para pensar a ciência, como uma possibilidade de carreira profissional. O que havia era um descompasso já na entrada da universidade, por uma “formação inadequada, tanto no ginásio como no colégio” (LINS, 1965, p.14).

Segundo Lins (1965, p. 14), o quadro era tão preocupante, em relação aos estudantes ingressantes na universidade, que em função do fracasso dos candidatos ao vestibular para o curso de Medicina, foi organizado pela Faculdade de Medicina da Universidade do

Recife - UR em 1957/58, um cursinho pré-médico, que apesar de contar com “os melhores professores da época” (LINS, 1965, p. 14), não produziu os resultados esperados.

Estes fatos, descritos por Lins (1965, p. 14) são importantes porque me ajudam a olhar um pouco melhor para a perspectiva da formação de Professores de Ciências no Nordeste neste período, pois ao que parece, mesmo antes da constituição formal do CECINE, que antecedeu também a constituição dos outros 05 (cinco) Centros de Ensino de Ciências – CECI’s, que foram criados no Brasil na segunda metade da década de 1960, já havia uma preocupação com o ensino de Ciências e a sua divulgação no meio da juventude na antiga UR. Ao mesmo tempo Silva (2013) nos seus levantamentos que fez sobre o CECINE, compartilha da ideia de que as atividades de formação de Professores de Ciências no Nordeste se dão antes da oficialização deste Centro, quando nos afirma que:

O levantamento de informações sobre o CECINE resultou no resgate na história deste órgão desde o seu surgimento em 1963 (antes mesmo de oficializada sua criação na UFPE), até o final da década de 1990, quando todos os seis centros congêneres perderam a pujança e alguns deixaram de existir. (SILVA, 2013, p. 1)

Os CECI’s, a que Silva (2013) se refere, são aqueles, além do CECINE, que foram criados em 1965, a partir de convênios com o Ministério da Educação, a saber: O Centro de Ensino de Ciências da Bahia – CECIBA; O Centro de Ensino de Ciências de Minas Gerais – CECIMIG; O Centro de Ensino de Ciências da Guanabara – CECIGUA, e o Centro de Ensino de Ciências de São Paulo – CECISP.

Como ações que precederam o CECINE, em 1963 o Instituto de Química da UR toma a iniciativa de organizar junto com os Professores deste instituto, Ernesto Silva, Francisco Brandão e Ricardo Ferreira, cursos básicos de revisão para professores de Química, na perspectiva de minimamente contribuir com as lacunas da formação dos estudantes ingressantes na universidade (LINS, 1965, p. 14).

Neste mesmo período Lins (1965, p. 14) informa que foi convidado pelo Instituto Brasileiro de Educação, Cultura e Ciências - IBCEC – São Paulo - SP, para dar algumas aulas no Curso de Verão para professores de Biologia, ocasião em que ele aproveitou para fazer contatos com a “National Science Foundation” e com a Fundação Ford, na busca de apoio para uma maior institucionalização dos cursos de formação para os professores de Ciências no Nordeste, já iniciados, ainda que de forma muito embrionária, a partir do Instituto de Química da UR.

Segundo Lins (1965, p. 14) no segundo semestre de 1964, após várias tratativas na busca de apoio, o Instituto de Química da UR, dá início a outras modalidades de cursos, já com o apoio da SUDENE, que adquiriu todo o material dos cursos no IBECC e ofereceu este material aos participantes. Foram realizados os cursos de Química e Biologia em Recife – Pe, Física na Bahia, Química e Matemática no Ceará, que foram cursos exitosos, tanto que gerou vários pedidos dos participantes solicitando novos cursos.

Lins (1965, p.14) informa que foi neste período que avançaram os entendimentos com a Fundação Ford, quando há uma sinalização desta para o estudo da implantação de um órgão congênere ao IBECC no Nordeste, nascendo daí o CECINE, com o apoio incondicional da UR, que disponibilizou aproximadamente CR\$ 240.000,00 (duzentos e quarenta milhões de cruzeiros), moeda brasileira da época, incluindo a construção do espaço físico deste Centro de Ciências no Instituto de Química. O aporte financeiro de US\$ 150.000 (cento e cinquenta mil dólares) da Fundação Ford, e um convênio com a SUDENE no valor de CR\$ 31.000.000,00 (trinta e um milhões de cruzeiros).

De acordo com Lins (1965, p. 14), o CECINE contava também neste período, com um apoio financeiro do MEC, bem menor do que aqueles proporcionados pelas outras instituições parceiras, mas que ajudavam com bolsas para os professores do CECINE e outras despesas. No entanto, segundo ele, foi com o apoio da Fundação Ford, não só através de investimento com recursos financeiros, mas envio de assessores técnicos desta Fundação, para planejar e executar a implantação do Centro, engajamento da Universidade do Recife - UR e o convênio com a SUDENE, que em janeiro de 1965 é inaugurada a sede do CECINE, ocupando quatro áreas de laboratórios, salas de aula, biblioteca e espaços administrativos.

Feita esta parte inicial da narrativa histórica com as informações fornecidas por Lins (1965) na entrevista concedida ao JC e repercutida no livro sobre o CECINE, agora, complemento esta narrativa com as informações preliminares coletadas nos documentos encontrados na sede da Coordenadoria de Ensino de Ciências e nos outros órgãos da UFPE. Pode-se considerar, a partir das minhas próprias inferências e reflexões sobre estes materiais, que a partir da sua constituição oficial com instalações próprias, único dos seis centros a ter esta condição, financiamento através dos convênios estabelecidos e planejamento realizado, o trabalho do CECINE foi organizado em 05 seções: Ciências, Biologia, Física, Matemática e Química. Cada uma destas seções tinha um coordenador

responsável, que planejava as atividades da sua seção respectiva, com seu grupo de professores, que eram tanto da UR, como de outras instituições.

O planejamento didático das seções era feita a partir do Conselho Científico do CECINE, que tinha entre as suas principais funções, de acordo com o regimento deste Centro, estudar problemas e questões científicas e didáticas, planejar os cursos a serem realizados, estabelecer prioridade aos projetos, definir critérios para os professores do CECINE participarem de cursos de aperfeiçoamento e promover jornadas científicas nas cidades do Nordeste.

Segundo os relatórios do CECINE encontrados no Arquivo Geral da UFPE, após a constituição oficial do CECINE e inaugurada sua sede própria, este Centro passa a desenvolver suas atividades para além de cursos de formação de professores, e inclui nas suas ações, a divulgação da ciência, através de uma coluna dominical no Jornal do Comércio de Pernambuco, com o título de iniciação à ciência, onde traz várias atividades de ciências, através de experimentações; programa semanal na Rádio Universitária, o CECINE fala de ciências; publicação de boletins bimestral e de uma revista (Scientia), que não teve periodicidade regular, sendo publicados apenas 04 (quatro) números entre 1966 e 1975; publicação de livros de divulgação científica e didáticos na área de Ciências; realização de Feiras de Ciências; organização de núcleos do CECINE, a partir de 1966, nos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Sergipe; Articulação de bolsas de atualização para os professores do CECINE, dentro e fora do Brasil.

Ainda segundo estes relatórios, os programas de formação de professores desenvolvidos pelo CECINE, principalmente na sua primeira década de existência, eram baseados nos programas americanos de modernização do ensino nas áreas de Química (Chemical Bond Approach – CBA e posteriormente o Chemistry Study – ChemS); Física (Physical Science Study Committee – PSSC); Biologia (Biological Sciences Curriculum Study – BSCS) e Matemática (School Mathematics Study Group – SMSG). Estes programas eram traduzidos e implementados, não só no CECINE e nos seus núcleos, mas nos outros 05 (cinco) centros espalhados pelo Brasil, em maior ou menor escala.

Pode-se considerar que o período em que se instalam os CECI's, segunda metade da década de 1960, e são implementados os seus programas de formação americanos, é marcado do ponto de vista político e social, por uma aguda e profunda ruptura democrática. Este tempo histórico então, por suas características, segundo autores como

Cunha e Góes (1996), Arapiraca (1979), Tavares (1980), Saviani (2008) e Lira (2010), teve significativas consequências em todos os setores da sociedade brasileira e também na educação, com reflexos na escola e nos conteúdos curriculares ali presentes, inclusive no conteúdo de Ciências, Matemática e na formação de Professores.

Uma das referências plausíveis que acho ser possível elaborar é que, a despeito das carências e dificuldades no ensino e formação de professores de ciências no Brasil em geral e no Nordeste em particular, e refletindo com D'Ambrósio (1987), os programas de ciências implementados pelos CECI's, incluindo o CECINE, eram transpostos dos Estados Unidos para cá, com pouca ou nenhuma crítica a estes programas. Além disso, refletindo com Hallewell (2005), estes programas envolviam somas consideráveis nos processos de compra de direitos autorais, tradução e impressão dos livros que eram utilizados como referência.

Com anotações iniciais coletadas nas atas do Conselho Científico do CECINE, é possível pensarmos, que a despeito de alguma crítica que estes programas tenham sofrido no Nordeste e na tentativa de respondê-las, este Centro de Ciências tenha buscado uma alternativa, através de certa adaptação que apresentou a estes programas, procurando torná-los mais próximos da realidade do Nordeste. Neste esforço o CECINE publica três volumes do livro didático "Biologia Nordeste", direcionado para o ensino de 2º grau. Não há nenhuma outra publicação do Centro com esta perspectiva nas suas outras áreas de atuação, Ciências, Química, Física e Matemática, no entanto, nesta última há uma articulação com os materiais do Grupo de Estudo em Ensino de Matemática – GEEM – SP e a *Mathématique Moderne* de Papy.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao finalizar este texto que trata do percurso na busca de fontes sobre o CECINE na UFPE, considero que os caminhos trilhados me trouxeram mais maturidade e experiência, para dar conta da pesquisa mais geral que estou desenvolvendo.

Considero também que esta experiência na busca de fontes sobre o CECINE, pode descortinar novas possibilidades históricas para o ensino de Matemática, compreendendo que o Movimento Matemática Moderna que chegou às escolas brasileiras

na década de 1960, não o fez de forma linear, mas pode ter se dado por variados caminhos e perspectivas.

Compreendo que será com estudo mais detalhado e aprofundado das fontes encontradas sobre o CECINE e seu núcleo no Ceará, que poderei descortinar o véu que ainda encobre, em certa medida, a chegada e o desenvolvimento do Movimento da Matemática Moderna no Ceará e suas características tanto singulares como plurais em relação a este movimento no Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAPIRACA, José Oliveira. *A USAID e a educação brasileira: um estudo a partir de uma abordagem crítica do capital humano*. Dissertação de mestrado. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro – RJ, 1979.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *História, memória e esquecimento: Implicações políticas*. Revista Crítica de Ciências Sociais [on line], número 79, 2007.

BACELLAR, Carlos. *Uso e mau uso dos arquivos*. In: PINSKY (org.). *Fontes históricas*. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CECINE. *Relatórios de atividades*. Recife, 1967.

\_\_\_\_\_. *Relatórios de atividades de 1971 a 1974*. Recife, 1974.

CUNHA, Luiz Antonio. GÓES, Moacyr de. *O Golpe na Educação*. Rio de Janeiro – RJ. Jorge Zahar Editora 9ª edição, 1996.

D'AMBROSIO, Beatriz Silva. *The Dynamics and consequences of the modern mathematics reform movement for Brazilian mathematics education*. Thesis (Doctor) - Indiana University, 1987.

HALEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil – sua história*. São Paulo – SP: Edusp, 2ª edição revista e ampliada, 2005.

LIRA, Alexandre Tavares do Nascimento. *A legislação da educação no Brasil durante a ditadura militar (1964-1985): um espaço de disputas*. Tese de doutorado. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro – RJ, 2010.

LINS, M. B. *Entrevista concedida ao Jornal do Comércio do Recife*. Recife, em 31 de janeiro de 1965.

PESSOA-FROTA, O et ali. *Biologia Nordeste*. 1ª ed. Recife: edUFPE, 1970.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. Revista Estudos Históricos. [S.1] v.2, n. 3: Cpdoc, Fundação Getúlio Vargas, 1989.

RICOEUR, Paul. *Memória, história, esquecimento*. Conferência proferida em inglês em março de 2003 em Budapeste com o título “*memory, history, oblivion*” no âmbito de uma conferência internacional com o título “*Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism*”. Texto em português disponível em: [http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos\\_disponiveis\\_online/pdf/memoria\\_historia](http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia). Acesso em 12.06.2015.

\_\_\_\_\_. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do regime militar. Caderno Cedes, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 291-312, set/dez, 2008.

SEIXAS, Jacy Alves. *Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais*. IN: BRESCIANI; NAXARA (orgs.). *Memórias e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

SILVA, Ascendino Flávio Dias e. *CECINE: transformações no ensino de ciências no Nordeste*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

TAVARES, José Nilo. Educação e imperialismo no Brasil. In: Revista Educação e Sociedade, São Paulo – SP, VII, n. 7, p. 5-52, setembro, 1980.